

IN
COM
PLE
TA



Paloma Franca Amorim

UM BÚFALO NA AREIA

apresentação
Viviane Nogueira

1ª edição |
Editora
Incompleta |
São Paulo |
setembro
de 2026



*Para Luana, Luka,
minha primeira leitora.*

APRESENTAÇÃO | 9

contos

LITUÂNIA | 13

A VIZINHA | 25

COELHONA | 39

CONSELHO DE CLASSE | 47

PALHAÇOS | 53

TIÊ | 57

A FEBRE EUCLIDIANA | 69

VERDADE OU DESAFIO | 81

O SONHO DO JACARÉ | 87

Lituânia

tu

I

O jornalista Luiz vinha do Sul e ficou amigo da madrinha. Foi ele quem nos contou que na Lituânia a palavra *espuma* significa *puta* – nesse tempo nós éramos crianças, minha irmã e eu, e ficávamos curiosas com as novidades de fora, as invencionices idiomáticas, os sons dos sotaques alheios e suas ressonâncias no português bem falado dos homens daquelas cidades que pensávamos ser mais próximas do Sol.

Luiz nos demonstrou a palavra na molecagem, como se partilhasse conosco um segredo infantil. Minha irmã e eu passamos, dali em diante, a repetir que *espuma* era *puta* e que *puta* era *espuma* em nossas brincadeiras de inocência duvidosa. Ríamos de nós mesmas, sem pudores.

Vivíamos ainda na ilha do Marajó, em minha adorada praia do Araruna, onde eu tinha por hábito me perder pelas tardes quentes, assombrada pelo medo das arraias-miúdas e do negrume da noite, soberana onde a luz elétrica era escassa e os candeeiros, preguiçosos.

Na casa da madrinha, dormíamos cedo por ordem da natureza. Não havia tanto a ser feito nas primeiras horas da noite, exceto cerrar os olhos e observar a imagem de búfalos se comunicando em silêncio, nos jogos de azar secretos onde se faziam, sem alvoroço, jogadores e peões. Sobre um tabuleiro de tamanho descomunal eu os sonhava, os búfalos, porque desde menina havia sido tomada de paixão por sua couraça grossa, a penugem mansa, a envergadura de nobreza real.

Era o ano de 1986 quando Luiz e seus amigos apareceram em nossa ilha. Ali ficaram durante exatos três meses.

Descobri, ouvindo um de seus encontros à beira da maré, que estavam em Araruna para observar a passagem do cometa Halley; queriam ver sua travessia em um céu limpo, sem os obstáculos da cidade grande e de seus prédios imensos.

Pouco tempo depois, minha irmã e eu entenderíamos que aquelas motivações aparentemente comuns eram, na verdade, um véu para o pavor da morte que assolava o grupo sulista. Numa noite, quando brincávamos na vila, acabamos testemunhando outro rapaz, dessa vez um arqueólogo, notadamente bêbado, dizer: Se o mundo vai acabar e se todos estamos feridos mesmo, condenados à morte, é nossa obrigação moral fazer a despedida bailando, bailando nesse paraíso!

Era isso que a ideia do cometa Halley causava nas pessoas. Um terror, uma sedução. Por dentro, eu também estava aterrorizada. Em fevereiro, três dias depois do meu aniversário, a maldição se desfez. O céu entrou em estado de torpor, iluminado por cores nunca vistas, relâmpagos do avesso, espasmos elétricos, e então rapidamente voltou à normalidade. A tudo isso eu pude assistir com lucidez e atenção, depois me despedi das expectativas e de nossos singelos visitantes do Sul, que partiram pouco a pouco, abandonando para sempre o nosso povoado.

Eu fiz a mesma coisa alguns anos mais tarde, assim que a madrinha morreu, e decidi seguir rio abaixo em busca de uma sorte diferente da que estava escrita nas areias cantantes de Araruna. Disse adeus à minha irmã, que, talvez tomada por uma ingênua esperança, me ofereceu uma pequena quantia em dinheiro. Gastei tudo na ida até o porto e num colar de sementes-filhas para que tivesse proteção no caminho.

O navio que me levaria às cidades mais próximas do Sol, cheias de luz, calor e empregos, era grande, esverdeado pelas tramas do rio. Seu nome pintado nas laterais dianteiras formava um raio fúcsia e grandiloquente: *Princesinha dos Mares*. A calmaria das águas do porto fazia o *Princesinha* oscilar num movimento incessante que o aproximava de mim mais como um desejo do que como uma embarcação.

Foi no porto que conheci Bartira, em quem escorei todos os primeiros calafrios de medo que eu carregava por deixar o povoado. Bartira era jovem como eu e também buscava uma nova história, ansiava pelas oportunidades das cidades maiores. Ao contrário de mim, porém, sabia de antemão que a travessia não seria fácil. Conhecia algumas mulheres que haviam partido nas grandes embarcações; suas narrativas eram desvendadas no palavrório de quem ficava no porto, entre goles de cerveja, conversas de mercearias, tons maledicentes. Bartira sabia que as mulheres haviam sido obrigadas a vender sexo nas travessias de rio, dentro dos camarotes, servindo à tripulação. Ela não era boba, já esperava aquilo, mas valia a pena, doía, mas valia a pena, porque depois que o navio chegasse à capital, seria tudo diferente. A capital se aprumaria no horizonte como um despontar da fé. A feira portuária surgiria como um traço luminoso por baixo das nuvens e do céu muito azul. Olhe para o céu, Bartira me dizia. Olhe sempre para o céu: é ele que vai nos encorajar. Quando avistarmos a capital, nossa sorte vai aparecer.

O esquema de prostituição dentro do navio era muito simples, na verdade. Assim que embarcamos, dona Ercília, que trabalhava como cozinheira para a marinha mercante em

vários traslados, veio falar comigo e com Bartira. A velha tinha um faro para as moças que procuravam fazer a paga da viagem com qualquer tipo de trabalho, era experiente na cafetinagem do rio e dos beiradões. Rapidamente nos explicou como a coisa se organizava: o combinado era que dona Ercília arcaria com nossas passagens e alimentação, e depois nos deixaria ir, se conseguíssemos sanar as dívidas acumuladas trecho a trecho.

Passado o susto inicial, tentei me habituar às regras e à lógica do nosso ofício. Bartira me emprestava uns badulaques de embelezar que eu só conhecia nas outras mulheres. A madrinha, em Araruna, se enchia de batom, perfumaria e pó de arroz nos tempos de festa. Dançava a noite toda e dava risadas feitas de um eco que, ao menos em mim, nunca deixou de ecoar.

O primeiro homem que encontrei converteu-se no segundo, no terceiro, no quarto, no quinto. Todas as vezes que me deitei com eles dentro do camarote, seus braços, pernas, narizes, olhos, barrigas, paus, pareciam fazer parte de um ciclo infinito que, em sua repetição, já não oferecia riscos nem surpresas. Todos pareciam iguais, uma mesma coisa, eram feitos da mesma matéria. E eu sumia por completo, me escafedia. Ia montar nos búfalos sagrados da minha infância, fugia com a mente para longe dali, distante de mim, mas ao mesmo tempo tão perto do que eu era: as memórias do Marajó, as pegadas pequenas carimbadas na areia de Araruna, demarcadas por um ziguezaguear tão errante quanto meus pensamentos.

Com o tempo, Bartira e eu percebemos que as despesas sempre estariam ali, mesmo que entregássemos todo o

dinheiro recebido ao longo da semana. A capital também parecia se dissolver em distâncias intermináveis, não chegava nunca, os trechos do navio ficando cada vez mais embrenhados nos pequenos interiores, nas ilhotas, nas comunidades esquecidas das pontas e naquele cheiro acre das águas.

Uma vez atracado, o *Princesinha* recomeçava seu balanço suave, e lá de cima, do último andar, proibidas de desembarcar, Bartira, eu e as outras garotas podíamos ver os carregadores lançando para dentro as centenas de caixas de bananas, peixe, farinha, açaí. Os homens formavam uma linha humana entre a borda do barco e a borda do porto, e passavam o carregamento harmonicamente de um para o outro, deixando-se levar pelo embalo dos braços e pelo peso das caixas, como se o movimento de todos juntos fosse mais uma engrenagem do enorme navio.

De madrugada, raramente e quase por milagre, pairava um silêncio como aqueles que nos enredaram em Araruna durante tantos anos. Ouviam-se somente os suspiros das águas recortadas pela quilha e os trinados dos bichos escondidos. O céu era um manto perfurado de estrelas e às vezes a lua surgia vermelha na linha do horizonte, profetizando as pequenas tragédias dos nossos dias.

II

Os cigarros e o vento frio das marés roubaram minha voz. Não percebi de imediato, porque não tinha o hábito de falar muito. Um dia, Bartira me perguntou alguma coisa e pronto: quando abri a boca, não saiu nada, no máximo sons como os